

**Os batalhadores brasileiros:  
nova classe média ou nova  
classe trabalhadora?**

Jessé Souza

Belo Horizonte: UFMG, 2012 [2010].

*Por Bruno Cava*

O livro de Jessé Souza se destaca no debate sobre as profundas transformações por que vem passando a sociedade brasileira nos últimos dez anos.

Em primeiro lugar, simplesmente por reconhecer essas transformações, e reconhecê-las como profundas e duradouras.

Em segundo, por articular a pesquisa de campo com a massificação de políticas sociais do governo Lula. Nesse aspecto, Jessé está bem situado numa discussão sobre o lulismo e a aparição da dita “nova classe média” no Brasil (ver, entre outros, André Singer, Giuseppe Cocco, Francisco de Oliveira, Marcelo Neri e Marcio Pochmann).

Sobretudo, o mérito deste livro consiste em não se apressar a sínteses sobre os sentidos do lulismo e da nova composição social, fechando o discurso sobre acontecimentos muito difíceis de fixar. Assim como reconhece as transformações, Jessé reconhece as polivalências, ambiguidades e paradoxos que habitam essa esteira de transformações, e cujo desenlace ainda é uma obra aberta, a depender mais das lutas políticas do que de veredito intelectual.

O autor fala de uma “nova fase do capitalismo mundial e brasileiro”, e aponta a possibilidade de mudança nesse contexto, *dentro e além* do modo de produção capitalista. Contra qualquer condenação que cerre o discurso de dogmatismo, para Jessé pode ser produzido, sim, um sentido libertador em meio à dinamização do mercado interno, à relativa inclusão social, ao desenvolvimento socioeconômico e ao crescente acesso a renda e consumo por grande parcela da população brasileira.

O caminho dessa construção passa, necessariamente, pelos novos atores que ele decidiu estudar com um mutirão de pesquisadores-auxiliares.

Com ânimo descritivo de uma formação social em estado nascente, em *Os batalhadores brasileiros* se tenta apreender o todo a partir de relatos e conclusões fragmentárias, segundo uma matriz sociológica sincrética, que alterna chaves de leitura de Bourdieu (principalmente), Weber, Boltanski e Marx. Ao longo do livro, capítulo a capítulo, são desenvolvidos perfis do novo “batalhador brasileiro”: o batalhador do microcrédito, o batalhador que sofre racismo, a batalhadora empreendedora e superexplorada, redes informais, o feirante, a família, a igreja neopentecostal.

O propósito é fabricar conhecimento “desde baixo”, engajadamente, conciliando crítica e pesquisa de campo. Esta se presta a captar os dra-

mas, anseios, sonhos, preocupações e percepções dessa nova formação social. O compromisso é também com a dor e o sofrimento, como desafios para a alteridade, para a relação entre sujeitos na pesquisa. O novo “social” que se engendra deve ser compreendido a partir das dores do parto, daquilo que existencialmente tensiona e demanda, de como são enfrentados os desafios concretos pelas pessoas em carne e osso. Jessé pretende inclusive avançar esse estudo no plano da subjetividade, sublinhando que, muito mais do que uma categoria econômica, de renda ou consumo, o que deve ser pesquisado é também “uma nova estética, uma nova psicologia e um novo estilo de vida em todas as dimensões”. Tudo isso sem se render a leituras simplórias. Dessas que fazem da coleta de opinião e das primeiras informações um juízo definitivo, como num típico populismo metodológico de má consciência que, para glorificar a opressão e o oprimido, converte a fala inacabada e polissêmica do oprimido em um atestado de verdade e dogma de pesquisa. O conhecimento vem com deglutição.

Os batalhadores, por um lado, de fato, cumpriram a catequese do capital financeirizado. Enquadraram-se às exigências extraordinárias de um mercado de trabalho e de oportunidades pautado por flexibilidade de posições, insegurança permanente e competitividade intensa. Um mercado

que solicita empreendedores e empregados dispostos a sacrificar quase todo o tempo de vida para ser bem sucedido. Os batalhadores tem de ser diligentes, astutos, determinados, espertos, polivalentes. Não podem se abater diante da adversidade, capazes de manter o futuro como um foco palpável de ação e expectativa, que os impele a continuar batalhando. Esse desafio, os batalhadores enfrentam contra um histórico de violência simbólica por parte da sociedade brasileira, de preconceito e precariedade onde quer que se olhe, várias gerações atrás sem interrupção. Para dar conta disso, essa formação social se apega ao que tem à mão, organiza-se em redes de cooperação e fraternidade, promove formas de comunidade e arranjos produtivos, no que atravessa as instituições e subsistemas que vai encontrando pelo caminho: a família ampliada, a igreja, o culto, a fé e o misticismo popular, as redes informais de comércio e socialidade, as plataformas e políticas sociais dos governos mais à esquerda. Para não sucumbir quando as crises se abatem sobre eles, orgulham-se do próprio sofrimento, transforma a eventual pobreza em motivo para mais luta e dignidade. Um “estoicismo prático do trabalhador”, como chama o autor, com o que perseguem exaustivamente viver melhor, “subir na vida”, crescer existencialmente as condições para si e os seus. Com isso, esses batalhadores conseguem se incluir e pas-

sam a ser reconhecidos, com efeito, como *incluídos pelo capitalismo*: um “degrau” acima da “ralé” (título de outro livro do autor), improdutiva e sem futuro, mas ainda, de toda sorte, um “degrau” abaixo da velha classe média branca e ilustrada.

Jessé descarta a identidade entre batalhadores e “classe média”, entendida como as camadas sociais tradicionalmente intermediárias entre ricos e pobres no Brasil. A pirâmide social mudou, tornou-se mais complexa.

É aí, nesse atrito entre batalhadores e velha classe média, que o livro exerce a sua agressão crítica.

A velha classe média, através das cátedras e da grande imprensa, despreza as qualidades e determinações positivas que saturam a nova classe de batalhadores. Desdenham-nos. Não aceitam sequer percebê-los como um sujeito histórico. Limitariam-se a mero objeto, um subproduto de uma década de políticas sociais “assistencialistas” e “eleitoreiras”. Insuficiente. Noutras palavras, para as elites enraizadas na universidade pública e na grande imprensa, pobre continua pobre independente de ter mais acesso à renda, consumo e cultura. Continua infausto de “capital cultural”. Continua cafona, alienado, conservador, sem consciência política. Não é qualificado o suficiente para exibir os gestos, o bom tom, a sensibilidade, as sutilezas civilizatórias com que a velha classe média não só se enaltece

arrogantemente em todos os espaços que sempre hegemonizou com a polícia às costas, como também se legitima a própria boa consciência, chamando de “mérito” o que na verdade não passa de herança e privilégio, na mais descarada falsidade ideológica da história da burguesia mundial.

Vale cotejar, nesse debate, por exemplo (Jessé prefere fustigar Sérgio Buarque e seus herdeiros), com André Singer. Na avaliação sobre o lulismo (SINGER, 2012), o professor uspiano assinala um realinhamento eleitoral a partir de 2006. Esse fenômeno da ciência política teria ocorrido essencialmente em razão das políticas de transferência de renda, aumento do salário mínimo e ampliação do crédito popular. Essas políticas se tornaram autônomas em relação às eleições, passando a determinar o resultado delas em vez do contrário. O realinhamento teria então neutralizado a tradicional oposição entre esquerda e direita, fazendo o cenário político brasileiro convergir numa nova dualidade, agora entre pobres e ricos. Uma dualidade retrógrada e despolitizante. Com Lula, se firmaria um novo pacto classista, um *New Deal* renovado, baseado em algumas benesses parciais e “não-estruturais” aos pobres e reformas graduais, de prazo demasiado longo, até favorecendo o modo de produção capitalista e o aprofundamento da exploração.

Nesse outro livro, digamos, mais prosaico na análise, a tese de Singer se acerca, ainda que devagarzinho, ao tom apocalíptico de seus cupinchas da USP, que não cansam de chorar o vazio da política e o fim da esquerda como alternativa factível no contemporâneo. A única opção, embora no choro admitam quase impossível, é resgatar o elo perdido que o lulismo teria fossilizado, ao trair... ao trair quem? Em português claro, *eles mesmos*, enquanto intelectuais-heróis a guardar o pote transcendental da verdadeira esquerda. A genealogia dessa moral da impotência não está distante.

Jessé demole preferencialmente as teorias da modernização. Essas teorias ainda emolduram os debates que se veem na imprensa e em boa parte da academia. À esquerda, o caso é modernizar o estado, dotá-lo de novas instituições e mecanismos para assegurar a eficiência, a sanidade fiscal, o combate à corrupção, a transparência e a sustentabilidade de suas ações. À direita, o estado é o atraso, devendo ser depurado de ineficiência, ganância, corrupção e fisiologismo. As posições no fundo se avizinham. A esquerda modernizante, embora diga vivas ao “estado”, não percebe que o estado modernizado também serve ao desenvolvimento do modo capitalista, falhando em problematizá-lo. A direita modernizante, por sua vez, continua a querer “estado”, um estado oculto, uma

“estrutura ausente” em que as relações de classe estejam mistificadas como liberdades individuais e econômicas. O que significaria voltar, noutros termos, à égide da economia política clássica e neoclássica – o que Marx e alguns marxistas vêm devastando como teoria e práxis há século e meio.

Isto significa que, para esquerda e direita modernizantes, quer dizer, para a velha classe média e suas câedras e jornalistas, é preciso antes modernizar o pobre, a permitir que galgue a condição de classe média – *como aqueles já teriam conquistado algum dia por mérito próprio*. É o esclerosado argumento da educação-vem-primeiro. Eles não teriam “capital cultural”, não estão preparados, não reúnem os elementos espirituais para uma cidadania plena. Nada do que o governo Lula tenha feito valeu como mudança estrutural, porque o “povo” continua sem educação. Cotas nas universidades? Bolsa família? Pontos de cultura? Não valem um tostão furado, sem primeiro investir em educação fundamental e média. Sabe quanto ganha um professor primário?! E por aí vai. Modernizar, nesse sentido, significa primeiro ser como eles, qualificar-se desde cima, desde esse discreto charme de ostentar diplomas, frequentar lugares *in* em cidades na Europa, fazer compras em Miami ou Nova Iorque, discutir platitudes sobre cultura, livros e filmes, como se fossem lazer.

Para a teoria da modernização, da esquerda à direita, o subdesenvolvimento é um problema 1) social de educação e 2) político de corrupção do estado e patrimonialismo. O mercado, a velha classe média e os grandes proprietários/empresários da classe alta, esses é que são incorruptíveis, eficientes, intransigentes em termos morais. Essas pessoas que têm em Eike Batista ou Justus seu referencial é que seriam competentes para arrancar os pobres da noite bárbara dos trópicos. Jessé Souza escreve linhas agudas contra essa violência de classe, erigida disfarçadamente à doxa das humanidades universitárias. Ele não vacila em estabelecer a equivalência: tese patrimonialista = racismo de classe = culturalismo burguês. Por trás da boa consciência do progresso, do mérito e da educação, persiste a mente colonizada, o estigma ao pobre (batalhador ou não) e o horror à favela. Numa palavra: o preconceito.

É um livro difícil de precisar tese inequívoca sobre o lulismo, no que talvez consista sua grande qualidade. Porque a perplexidade marca o nosso tempo pós-Lula. Reconhece que as políticas sociais sejam “amplamente insuficientes”, mas não cessa de repetir que algo está acontecendo, algo latente, subterrâneo. As sagas biográficas desenvolvidas em *Os batalhadores* dão pistas sobre trajetórias, às vezes breves lampejos, onde alguma coisa se passa. Precisamos deixar para trás estruturas

obsessivas, esquemas didáticos e certa afetação deprimente na hora de imaginar as coordenadas da luta e das alternativas. Isso não funciona, chega de complexo de Paulo Martins.

O livro esboça uma épica do pobre brasileiro no século 21, no que talvez cometa o erro de misturar-se impudicamente com algumas prescrições da ética do trabalho e dos modos de legitimação, bem ao gosto weberiano. A pesquisa pode afinal ceder à incomensurabilidade do sofrimento, e não conseguir mais distanciar-se o suficiente. Sensivelmente, não deve ser fácil descarregar-se das paixões tristes que geram o cansaço, o esforço e a tensão das *batalhas do labor*.

Os batalhadores de Jessé são criaturas e criadores de sua condição. São determinados pelo modo produtivo e, paradoxalmente, determinantes de uma inovação *dentro e além* desse mesmo modo de produção, um elemento de autonomia e autoprodução, que é a própria condição para a libertação. Uma tarefa em andamento.